COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'As Coisas', de Inês Fonseca Santos]

Diana Pimentel

Para citar este documento / To cite this document:

Diana Pimentel, "[Recensão crítica a 'As Coisas', de Inês Fonseca Santos]", *Colóquio/Letras*, n.º 183, Maio 2013, p. 221-223.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

ato de «ler» na passagem acima citada reflete-se, por sua vez, no recurso descomplexado à intertextualidade, dentro, aliás, da tendência intertextualista, já vinda de décadas anteriores, e que a poesia portuguesa mais recente não temeu continuar. São assíduas as referências a autores e a textos, como também não faltam as alusões a uns e outros, algumas vezes fáceis de identificar, e outras vezes de mais árdua descodificação. Não será difícil, por exemplo, para a maioria dos leitores, reconhecer numa passagem de «Litania do Tempo» («E os verões eram eternos *e ninguém / estava morto*») a alusão ao «Aniversário» de Campos, mas já implicará um maior esforço descobrir a alusão a um título de Manuel Gusmão num passo do quinto texto da sequência «De modo que» («De modo que escrever não é / ter *a terceira mão* mas uma quarta ideia»), ou concluir que nas palavras que sublinho no poema em prosa «O Texto-Crime» («As letras — cuja conhecida metáfora pessoana não usarás aqui — não são apenas *signos*. *Em rotação*, claro») se alude a um título de Octavio Paz, *Los signos en rotación y otros ensayos*.

Há quem defenda que o próprio poema lírico não fica imune à contaminação da narrativa e que, no mínimo, narra uma *aventura do sujeito*. Por maioria de razão, tal se verifica também com uma coletânea poética, como é o caso de *Linha de Fogo*, cujo aspecto mais saliente é, sem dúvida, o registo do percurso de um eu, das reações, das emoções e estados de alma que a cidade nele suscita. Nesse registo confluem, igualmente, como vimos, as suas próprias reflexões sobre o ato poético e a desinibida memória de autores com quem sente afinidades ou que experimentaram um mal-estar semelhante ao seu na relação com o espaço urbano. O que sobremaneira dá unidade ao livro é a febril insatisfação deambulatória do sujeito pela «cidade doente», acossado pela consciência de «desastres» iminentes. Num verso chegará mesmo a falar-se de um «vento apocalíptico» que «explode» na cidade. Respira-se, pelo menos, uma ameaça permanente de perigo. Ao mesmo tempo, porém, a metáfora convocada para o título e retomada em diversos momentos do livro, e cuja origem a citação de um texto de Luís Quintais no final do volume permite identificar, deixa perceber que há da parte do poeta um irrecusável gosto pelo risco, que engloba tanto a experiência da errância urbana como a própria experiência poética.

Fernando J. B. Martinho

Inês Fonseca Santos
AS COISAS
Lisboa, Edições Abysmo / 2012

As Coisas, primeira obra poética de Inês Fonseca Santos, é «uma mais-que-coisa», para citar uma expressão do poema de Manuel António Pina «As Coisas», que integra uma espécie de nota ao leitor com que este discreto e surpreendente livro abre. Na presente nota afirma-se que «As Coisas foram escritas em poucos dias, mas levaram anos a formar-se» (p. 5), numa declaração por que se instala o tempo como medida de todas as «coisas». No entanto, o movimento pendular — entre o passado de anos de formação dos poemas — e o presente — do livro — é ampliado para o futuro — da forma de letra —, na medida em que, «depois de estarem escritas, As Coisas depararam-se com um poema que confirmou o seu eventual sentido» (*ibid.*). O encontro entre o livro de Inês Fonseca Santos (*post scriptum*) com o poema «As Coisas», de Manuel António Pina, produz na autora «uma perplexidade»: em certo sentido,

trata-se de saber ter sido a memória a trabalhar, inaudível e inesperada, como eco impercetível, pois «a nossa própria ausência é uma coisa» (*ibid.*) (Manuel António Pina). Em muitos sentidos, *As Coisas* é «uma mais-que-coisa».

O livro tem como epígrafe o microconto de Augusto Monterroso (1969-2003): «Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá». Composto por sete palavras, o quase aforismo instaura o tempo como espécie de metrónomo da escrita, a oscilar entre o passado (que «ainda estava lá») e o presente de *acordar*; também no poema de Manuel António Pina «acorda a casa e os livros imaginam-nos / do tamanho da sua solidão» (*ibid.*). Eis como a casa, a escrita, é habitada pel'*As Coisas*, inumeráveis: «recuperadas» ou «irreparáveis», «diferentes» e «semelhantes», «em movimento» ou «lentas», «escritas» e «imagens», «inquebráveis» (cf. Índice).

Frágeis, «As Coisas» «são feitas de vidro. / Partem-se» (p. 8). «As coisas recuperadas» «partem-se de novo» (p. 9). Minúsculas, «as coisas irreparáveis» habitam a «casa» (p. 10). «As coisas diferentes» não permitem tomar como semelhantes «o som dos cacos» e o «som dos teus passos» (p. 11). Há uma presença, o som — «o teu nome», inaudito — e um corpo, *ainda* ausente. «As coisas semelhantes» habitam-nos, como se em casa comum: «Tempo, amor e morte — sobretudo os seus lugares vazios» (p. 14).

«As coisas nas pontas dos dedos» são «invisíveis aos olhos, levam com elas / as nossas impressões / digitais» (p. 20). Dos dedos à escrita, há uma transição de um microplano — sobre «vasos» e «veias» dos «dedos» — a um olhar macro sobre a caligrafia, antidigital, manuscrita, na horizontal: «As coisas digitais dão erro / se as atiramos ao ecrã»; eis a lei da gravidade tão desacertada como «se Pollock tivesse pintado na vertical» (p. 21).

Antes do futuro, «pré-adolescentes, as coisas em movimento / chegavam depressa demais a todo o lado», à procura de um outro futuro, de «novas coisas em movimento» (p. 40), que tornam o que antes se tinha movido passado.

No presente, «fumo demasiado depressa / o meu cigarro apagado. / Os cigarros fumam-se lentamente / ao espelho fixando um único dos nossos rostos» (p. 41). Veloz o gesto que se não consome (o cigarro apagado) e desdobrados os rostos; mas «não há fumo que os evole»: «Os rostos suspendem-se / entre nós e nós, as letras das palavras. Os rostos aguardam-se / observam-se, ao longe» (*ibid.*). Não há lume nem chama (nenhuma nem *dupla*), como apagados estão os rostos — «aguardando-se». No entanto, a prometer demoradamente o fim de uma espera, «a boca abre-se / como uma coisa lenta em forma de espanto» (*ibid.*).

Há a «pele» e «o teu nome está-me escrito nos sinais. / A tinta [...] / assinalando lugares» (p. 43). «As coisas escritas» são cicatrizes que nos habitam corpo e epiderme, são origem e casa: «O meu mapa genético tem uma única localidade. / Dizer o nome dela é chamar-te. / Chamar-te é encontrar a minha morada» (*ibid.*).

Há «o teu nome» e «As coisas eternas»: «Quando acordou, / o teu nome ainda estava lá. // Com o dinossauro de Monterroso» (p. 46). A presente citação não só ecoa (em *cópia*) a epígrafe do livro; sobretudo reescreve-a (sem *falta das palavras*), instaura-lhe uma dissemelhança, por ironia, porque uma e outra nomeiam «As coisas diferentes»: «Contento-me com cópias como o escritor se contenta / com a falta das palavras» (p. 11).

As Coisas é um livro que é «uma mais-que-coisa»: esta belíssima e muito inteligente composição de trinta e um poemas (acrescido de um «poema em jeito de agradecimento», p. 7) é uma partitura

onde só o tempo se inscreve, se materializa, se decompõe, se recupera, se liberta ou eterniza; tudo «ainda lá está», como «coisas inquebráveis».

«O teu nome está-me escrito nos sinais, sobre a pele»; «única localidade [...] morada» (p. 43), a palavra — como corpo e corpo por ela nomeado — talvez seja uma d'«As coisas inquebráveis»: «Não me lembro de outras / que não as palavras» (p. 48).

Diana Pimentel

FICÇÃO

Fernando Pessoa
O MENDIGO E OUTROS CONTOS
Edição de Ana Maria Freitas
Lisboa, Assírio & Alvim / 2012

Dos doze contos de Fernando Pessoa publicados na presente coletânea, cinco são inéditos [«O Filatelista», «Empresa Fornecedora de Mitos, Lda.», «A Perversão do Longe», «O Mendigo» e «Num Bar de Londres» (*c.* 1913)], tendo os restantes sido publicados na tese de doutoramento de Ana Maria Freitas (*O Fio e o Labirinto: A Ficção Policial de Fernando Pessoa*, 2009), na revista *Mealibra* (2009) e, apenas em tradução francesa, em *Contes, fables et autres fictions* (org. Teresa Rita Lopes, 2011: «Memórias de um Ladrão», «Alegações Finais», «O Gramofone» e «O Papagaio»). *O Mendigo e outros Contos* não é uma edição crítica, mas sim um projeto editorial ímpar que pretende divulgar Fernando Pessoa contista, pelo que a introdução de Ana Maria Freitas contextualiza a produção dos contos na obra do autor, explica o rigor que pautou a estruturação dos textos, a identificação das lacunas nos originais, a atualização da ortografia e a correção de alguns erros, enquanto as notas finais (p. 135-41) revelam variantes e indicam quer as cotas das obras no espólio de Fernando Pessoa, quer as edições anteriores de sete dessas narrativas. Os contos filosóficos em torno de ideias e conceitos, alguns fragmentados, interessam-nos também, como recorda a responsável pela edição (p. 7, 10), pelo que revelam acerca do complexo processo criativo pessoano.

As narrativas relatam (des)encontros e viagens físicas e mentais, mas sempre filosóficas, e dialogam intertextualmente entre si, nomeadamente no que diz respeito às temáticas em torno da condição e da busca humanas. Os narradores indagam mistérios metafísicos que decerto intrigaram o Autor e que conferem universalidade à sua obra, sobretudo à mais humorística, os contos «Alegações...», «O Filatelista», «Maridos» e o alegórico «O Papagaio». As viagens de alguns protagonistas e o confronto com os respetivos mestres funcionam como aprendizagens catárticas, pelo que a formação peripatética aproxima, por exemplo, o conto fantástico «O Peregrino» do *Bildungsroman*, contemplando a curta narrativa também uma mensagem ecológica (p. 88-9). As personagens, outrora aprendizes, partilham memórias (auto)biográficas e diálogos-lições com guias desconhecidos que, por seu lado, são figuras marginais ou marginalizadas, como o bêbado, o ladrão, a mulher criminosa, o vadio, o mendigo, o eremita, o marido traído e a criança moribunda e isolada que contacta com o mundo através da janela e de oníricas *ekphraseis* que o pai descodifica.

Vários temas da coletânea ecoam os da poesia de Fernando Pessoa, nomeadamente o mito, o desassossego, a paradoxal natureza humana que se autorreflete em sofrimento, sendo ainda convocados vários intertextos quando os narradores referem Hamlet, Byron e Platão e citam Sócrates e os ibéricos Francisco Sanches e Goya